

A PERMANÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS FEMININOS EM A *DIVORCIADA*, DE FRANCISCA CLOTILDE

Marijara Oliveira da Rocha

A mulher sábia edifica a sua casa,
mas com as próprias mãos
a insensata destrói o seu lar.
Provérbios 14:1

Literatura a serviço da educação: a vida de Francisca Clotilde

Francisca Clotilde Barbosa Lima nasceu em 19 de outubro de 1862, na fazenda São Lourenço, em São João do Príncipe (atual cidade de Tauá), no sertão dos Inhamuns. É filha de João Correia Lima e de Ana Maria Castello Branco, casal de abastança financeira. Do sertão dos Inhamuns, a família se mudou para o Maciço do Baturité, nos anos 70 do século XIX, devido às grandes secas no Ceará.

Realizou seus estudos iniciais com a professora Ursulina Furtado, no Maciço de Baturité. Na juventude (1877 a 1880), foi estudar em Fortaleza, no Colégio Imaculada Conceição, onde se fazia notar pelo seu espírito lúcido e suas inclinações poéticas: aos 15 anos, teve seu primeiro poema publicado na Imprensa (*Horas de Delírio*, O Cearense, 1877).

Em 1º de novembro de 1880 casou-se com Francisco de Assis Barbosa Lima, o Zeguedegue. Dado ao hábito da embriaguez, ele findou por enlouquecer, sendo internado no Asilo de Alienados do Rio, de onde fugiu para lugar ignorado.

Em 1882, Francisca Clotilde solicitou o Exame de Capacidade, para ser professora e, após ser aprovada, foi nomeada interinamente para a 2ª cadeira do sexo feminino de Fortaleza (professora das primeiras letras – ensino público primário).

No ano de 1884, inscreveu-se para o concurso de provimento efetivo para as cadeiras do ensino primário superior (2 vagas foram

disponibilizadas) anexas à Escola Normal (inaugurada em 22 de março de 1884), criadas pelo art. 123 do Regulamento Orgânico. Foram inscritos Thomás Antônio de Carvalho e Francisca Clotilde Barbosa Lima. Ambos obtiveram aprovação no concurso. Assim, em 27 de junho do mesmo ano, foi nomeada professora para a cadeira feminina superior anexa à Escola Normal; portaria assinada pelo Presidente da Província, Antônio Pinto Nogueira Acioly. Dessa forma, passou a ser a primeira mulher a lecionar na Escola Normal.

Aos 17 de junho de 1885, foi nomeada a Diretora do ensino primário da cadeira feminina superior anexa à Escola Normal. Ficando o professor Thomás Antônio de Carvalho como Diretor da cadeira do sexo masculino. As escolas primárias anexas eram supervisionadas pelo Diretor da Escola Normal professor José de Barcellos.

Ao longo do exercício de suas atividades na Escola Normal, conheceu Antônio Duarte Bezerra (Capitão Duarte), professor de Aritmética e Geometria do Liceu, localizado na Praça Marquês do Herval (atual Praça José de Alencar), onde também funcionava a Escola Normal. Ele era sócio do Clube Literário. Com o Capitão Duarte, passou a ter um relacionamento amoroso e com ele teve quatro filhos. Convém registrar que esse relacionamento não foi recebido com “bons olhos” pela sociedade da época, porque, civilmente, Francisca Clotilde ainda estava casada com o primeiro esposo, desaparecido.

No ano de 1886, participou do Clube Literário. Nesse mesmo ano, começou a fazer parte das Bancas de Avaliação (comissão de exames finais para habilitação de normalistas) da disciplina de Pedagogia e Metodologia. No ano seguinte, passou a participar ativamente da revista “A Quinzena”, periódico do Clube Literário, onde publicava seus textos sob o pseudônimo Jane Davy e Mademoiselle. Em 1888, juntamente com o companheiro Antônio Duarte Bezerra, ficou responsável pela edição do jornal “A Evolução”. Em 1889 publicou, em companhia do Capitão Duarte, o livro *Lições de Aritmética*, obra didática direcionada às alunas da Escola Normal.

A partir de 1889, a vida de Francisca Clotilde passou a ser marcada por uma série de perdas. Nesse mesmo ano, morreu sua filha Maria; em

1890, é demitida da Escola Normal, onde exercia as funções de professora e de diretora; em 1893, seu companheiro, Capitão Duarte, faleceu, deixando-a com três filhos. Nesse mesmo ano, a professora/escritora fundou sua primeira escola: o Externato Santa Clotilde, vizinho à Escola Normal (praça Marquês do Herval), destinado ao ensino de meninos e meninas, uma escola mista, que funcionou até 1896. Em 1894, perdeu mais um filho, Arquimedes.

Toda essa difícil situação impeliu-a a voltar para o interior com os filhos: em 1897 ela regressou à casa paterna em Baturité, na companhia das suas crianças Antonieta (7 anos) e Aristóteles (6 anos). Lá, não desistiu da profissão que tanto amava: fundou, em Calaboca (povoado de Baturité), seu segundo Externato Santa Clotilde.

Nesse ínterim, publicou seu primeiro livro: *Coleção de Contos* – 42 contos publicados em brochura pela Typografia Cunha, Ferro & Cia de Fortaleza, contendo 126 páginas. A obra foi dedicada em memória aos seus pais.

Conforme nos conta Gildênia Moura de Araújo Almeida (2012), nesse período ocorreu o que, para nós, é um mistério na vida de Francisca Clotilde: o nascimento de mais um bebê, Ângela Clotilde, filha de seu, até então, desaparecido primeiro marido, Francisco de Assis Barbosa Lima.

Em 28 de outubro de 1906, fundou, em Baturité, com a filha, Antonieta Clotilde, e a sobrinha, Carmen Taumaturgo, a revista “A Estrella”. Em 1908 partiu, com os filhos, para Aracati e nesta cidade continuou a produzir a revista, que teve 200 exemplares durante os seus 15 anos de produção (até 1921). Em 09 de março, fundou seu terceiro Externato Santa Clotilde, escola que dirigiu junto com filhas Antonieta e Ângela Clotilde, até o ano de sua morte (1935). O Externato foi considerado, por muitos, como o melhor colégio misto de toda a região jaguaribana.

Infelizmente, em 1924, a enchente o rio Jaguaribe inundou a cidade de Aracati, e, por isso, perdeu-se a rica produção literária, pedagógica e jornalística de Francisca Clotilde.

Dentre os periódicos para os quais Francisca Clotilde escreveu, destacam-se: “Cearense”, “A Quinzena”, “O Libertador”, “Gazeta do Norte”, “Contemporânea”, “O Domingo”, “A Evolução”, “O Combate”, “Ceará

Ilustrado”, “A República”, “Almanack do Ceará”, “Almanach dos Municípios do Ceará”, “Ceará Intelectual”, “Revista Escolar”, “A Cidade”, “A Ordem”, “O Lyrio”, “A Família”, “A Violeta”, “A Mensageira”, “O Bathel”, “Paladino”, “Almanach Literário das Senhoras Alagoanas”, “Revista Fortaleza”, Revista “A Estrella”, e “Aracati”.

Francisca Clotilde e *A divorciada*

Há muito se discute o conceito de “escrita feminina”. As acepções mais comuns para essa expressão são:

- a) Literatura feita por mulheres;
- b) Literatura feita para as mulheres;
- c) Literatura feita a partir de uma perspectiva feminina, independente do gênero do autor.

Muito mais importante que o conceito definitivo, são as discussões geradas pela temática. De acordo com Ria Lemaire, reflexões a respeito do conceito da “escrita feminina” são importantes porque

A história literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparada com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: o primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heroicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”. Tanto a genealogia quanto a história literária revelam a tendência masculina de justificar seu poder atual por meio do recuo às origens e do mapeamento de uma evolução, factual ou hipotética, até o presente (LEMAIRE, 1994, p. 58).

Daí a importância de resgatar a produção literária de escritoras silenciadas ou “esquecidas” pelo cânone, por meio de reedições e de produção de fortuna crítica direcionadas às suas obras.

Embora, à época, “a dimensão da relação entre homens e mulheres não [estivesse] incorporada à reflexão histórica” (PERROT, 1996, p. 197), durante o século XIX e boa parte do século XX, as escritoras brasileiras fizeram do texto literário um meio de reflexão sobre a atuação da mulher, para além dos moldes impostos pelo patriarcado. Nessa perspectiva, surgiram textos pautados em temáticas como o divórcio, considerado um tabu nas sociedades patriarcais.

Com sua atuação na literatura, na educação e na imprensa, Francisca Clotilde escreveu sobre a sua perspectiva sobre a vida da mulher: sentimentos, virtudes femininas consideradas importantes, em textos permeados de religiosidade e patriotismo, publicados, como vimos anteriormente, em diversos veículos de comunicação, com estreita frequência.

A divorciada é um romance memorialista, pois podemos identificar muito da vida particular de Francisca Clotilde na obra. Tendo sido considerado um livro anti-familiar pela sociedade por ter o divórcio como tema, é considerada a primeira obra literária, escrita por mulher, que trata dessa temática (ALMEIDA, 2012).

O enredo da narrativa tem como espaço as cidades de Redenção, Fortaleza, Rio de Janeiro e Manaus; gira em torno das desventuras amorosas de Nazaré, a caçula de três irmãs, órfãs de mãe, filhas do Coronel Pedrosa. Por estar doente, ela muda-se, com a família, para Redenção, no intuito de respirar melhores ares. Devido à sua alma piedosa, ajuda as pessoas carentes da comunidade; nesse trabalho, acaba conhecendo Chiquinho, por quem se apaixona. Nazaré, entretanto, reconhece a impossibilidade desse relacionamento, devido à diferença social que existe entre os dois. Seguindo a orientação paterna, ela casa-se com o primo, bacharel em direito, Artur Pedrosa, pelo qual não nutria nenhum afeto. Após o casamento, Artur apresenta-se um homem de péssimo caráter, dado ao vício do jogo e da bebida. Afundado em dívidas, passa a roubar e, por isso, foge para o Norte com Glória, prima de Nazaré. Movido pelo remorso, Coronel Pedrosa incentiva a filha a divorciar-se do bacharel. Pouco tempo depois, Artur vem a falecer e, após o período de luto, Nazaré, finalmente, conseguiu casar-se com seu grande amor, Chiquinho.

Sem romper com o padrão de família tradicional, a autora elabora em *A divorciada*, uma narrativa que apresenta as desventuras da protagonista diante de um casamento fracassado, e suas dificuldades em aceitar a ideia de divorciar-se, tendo em vista sua moral cristã, que encara o casamento como instituição indissolúvel:

- Devias requerer o divórcio rompendo de uma vez os laços que te prendem àquele miserável.

- Oh! Meu pai, não fale assim! Ele é o pai de meu filho e eu, no caráter de sua esposa, tenho o dever de socorrê-lo e de trata-lo em casos como este em que se encontra agora.

Abandoná-lo quando ele expia os desvios de uma vida viciosa, à míngua do socorro dos homens, seria de minha parte uma ação revoltante, e eu jamais praticarei assim (CLOTILDE, 1996, p. 250).

Convém registrar que, à época da escritura da obra, 1902, ainda vigorava no Brasil o Decreto nº 181, de 1890, que instituía o casamento civil. Esse decreto, no entanto, não determinava a dissolução do vínculo conjugal, mas permitia apenas a separação de corpos, sendo vedado aos dois contrair novo matrimônio; condição que resignava, principalmente, a mulher:

Divorciada! Esta palavra fatídica vinha ao espírito da Nazaré logo pela manhã quando despertava e o sorriso do filho lhe enviava um bom dia dulcificante e cheio de esperanças e de paz.

Quebrara todos os laços que a uniam ao marido; mas seu coração igualmente se despedaçara. Que terrível desenlace tivera o seu casamento!

Perguntava a si mesma no silêncio, recolhia e desolada, o que havia feito para merecer tão rude castigo, e a sua consciência de nada a exprobatava. Repousava serena na certeza do dever cumprido.

Quantas súplicas levantadas todos os dias ao Deus bondoso para que desviasse o marido do mal!

Ele não escutara a prece fervorosa, queria acrisolar su'alma virtuosa na adversidade. Era cristã, resignava-se. Tinha de viver dali em diante totalmente sequestrada do mundo ocupando a mais triste posição na casa paterna. Quantos comentários se faziam a respeito dela! (CLOTILDE, 1996, P. 270-271).

A divorciada, então, apesar do título, não se posiciona a favor do divórcio, pois, de acordo com Almeida (2008), “preceitos oitocentistas permanecem (na obra) por meio do controle do pai/marido e da religião sobre as decisões da mulher”. Embora o tema seja polêmico, a escrita de Francisca Clotilde concilia os sentimentos de Nazaré ao comportamento considerado como ideal para os padrões da época.

Nazaré e Glória: santificação e demonização feminina em *A divorciada*

A escrita literária feminina traz, recorrentemente, o espaço familiar como temática para suas criações. Isso acontece porque, segundo Elódia Xavier (1998), “a família, como lugar de adestramento social, é, muitas vezes, a responsável pelos conflitos narrados (...). É no seio familiar que a mulher inicia seus questionamentos diante de sua situação social, pois

O mundo do “feminino” é um espaço fechado, obscuro e claro ao mesmo tempo, que exige cuidados e retira sua vitalidade da seiva secreta do coração da mulher. Não se trata mais de natureza mas de construção deliberada e delicada. Para que permaneçam, a casa e a família exigem da mulher um trabalho de Sísifo, teia fina e frágil onde se dependuram coisas, gentes e sentimentos. Aceitação e algumas vezes resignação (MELLO, apud Xavier, 1998, p. 09-10).

E é em pela organização de seus relacionamentos familiares que o “valor” da mulher será mensurado, pois, nas sociedades de molde patriarcal, é a mulher a responsável por manter o bem-estar de filhos e maridos. Nas relações familiares organizadas sob esse princípio, a menina é, desde

a infância, conduzida a cuidar (ou servir?) o outro. A preparação para essa função (destino, no pensamento de muitos ainda) é organizada até nas escolhas em relação aos brinquedos infantis, por meio de “brincadeiras” que reproduzam as atividades domésticas. Conforme esclarece José Carlos Leal,

O casamento, para a maioria dessas mulheres, era uma missão e não um ato amoroso que objetivasse o prazer. Aprendiam com as mães a serem obedientes e submissas à vontade de seus pais, como teriam que ser, no futuro, à vontade de seus maridos. Sua felicidade consistia em ter levado essa missão até o fim e morrer cercada do carinho dos filhos e netos e do respeito de seu marido (LEAL, 2004, p. 171).

Em *A divorciada*, Francisca Clotilde pinta suas personagens femininas com as cores fornecidas pelo patriarcado. Apesar do título controverso para o período no qual foi publicado, o romance é conservador, marcado pela “lei do pai”. É construído sobre os preceitos do catolicismo, que aparecem no comportamento e na “recompensa” de cada personagem, ao longo da narrativa. A obra apresenta, ainda, um caráter maniqueísta, dividindo os seus personagens entre “bons” e “maus”. É por meio dessa perspectiva que analisaremos, a partir daqui, a trajetória das personagens femininas Nazaré e Maria da Glória, sua prima.

Nazaré é a protagonista de *A divorciada*. A descrição da personagem feita pelo narrador nos apresenta a um ser humano elevado, cheio dos mais admiráveis sentimentos cristãos, pronto a doar-se em favor do próximo:

Era uma criatura privilegiada, tinha uma alma de eleição sempre disposta à bondade, procurando ensejo para derramar consolações no sofrimento alheio. Chorava pelos outros, sentia pelas crianças infelizes uma ternura especial. As outras chamavam-na irmã de caridade e ela era realmente digna desse título quando sentava ao colo um pequerrucho que a desgraça orfanara bem cedo e cobria de beijos suas facezinhas esmaecidas onde timidamente apareciam sorrisos que se acentuavam à tepidez daquelas carícias nascidas ao influxo de caridade (CLOTILDE, 1996, p. 91).

Conforme Abelardo Montenegro, temos aqui “a primeira samaritana da literatura cearense” (1953). Sua vida, verdadeiramente confirma essa proposição: era uma criatura devotada a auxiliar as pessoas carentes, principalmente, idosos e crianças. Todo esse comportamento ganha aura santificada quando sabemos que a moça, doente de tuberculose, preocupava-se mais com o sofrimento alheio que com o seu.

Nazaré representa, em sua completude, o papel idealizado pelo cristianismo à mulher: caridosa, obediente ao pai, amável com as irmãs, casta, recatada na vida social e, embora fosse culta, fazia apenas aquelas leituras recomendadas como apropriadas às moças, ou seja, aquelas que reforçavam a idealização da felicidade doméstica:

Admirava-se quando lia romances, do meio entontecedor das grandes capitais. Revoltava-se com aquelas noites de loucura passadas na ópera de Paris, nos restaurantes, em que a saúde dos moços se arruína e a falta de repouso acarreta consequências funestas para o vigor físico e para o humor. Era tão feliz o casal rústico morando em uma casinha perdida na folhagem, perto de um regato murmurante que lhes trazia agradável frescura e onde os pássaros em doce revoada, vinham dessedentar-se nas horas de calor! (CLOTILDE, 1996, p. 93).

Como boa filha que é, Nazaré abre mão de seu amor por Chiquinho, rapaz do interior, com alma piedosa por que se apaixona, para “fazer os gostos” do pai, que deseja que ela se case com o primo Artur Pedrosa, bacharel em direito. A partir de então, a vida da “boa samaritana” passa a ser de dor e sofrimento: o esposo abandona-se ao vício da bebida e do jogo, gastando o patrimônio da família, furtando-se ao cumprimento das suas obrigações como esposo e pai. Apesar de tudo, Nazaré, por sua natureza profundamente cristã, resigna-se e mantém para si o seu martírio:

Olha-o com uma expressão indefinível e não pode conter duas lágrimas impetuosas que lhe queimaram as faces. O marido voltava ao jogo, atirar-se-ia de novo à embriaguez. E fora para salvá-lo desses vícios que ela se

casara. Havia de salvá-lo de novo. Era o pai de seu filho e contava que Deus havia de protegê-la.

(...)

Resignou-se a sofrer calada, e no outro dia ao entrar em casa do pai aparentou o mesmo ar prazenteiro dos bons tempos. Não queria absolutamente que ninguém desconfiasse do seu sofrimento (CLOTILDE, 1996, p. 186-187).

Dessa forma, Nazaré representa o modelo de “mulher decente” instituído pela cultura patriarcal: aquela que, docilmente, passa do poder do pai para o poder do marido, fazendo do casamento sua responsabilidade e seu único destino; pronta a sacrificar-se pela manutenção da instituição.

Maria da Glória, prima de Nazaré, é sobrinha do Coronel Pedrosa. Vivia no Rio de Janeiro com o esposo, empregado do Hospital de Pedro II, com que dividia uma vida modesta, de muita economia. Os escassos rendimentos do marido, no entanto, não eram suficientes para satisfazer sua necessidade de ostentar sua beleza:

Leviana e mal educada deixava-se galantear e muitas vezes passando nas lojas, onde as vitrines expunham centenas de objetos próprios à exibição da vaidade feminina suspirava e dizia condigo mesma: Se eu quisesse possuía aqueles ornatos!

(...)

Tinha 24 anos e desde os 15 vivera quase sempre fora das vistas maternas. Pouco estimava a mãe e com ela se parecia no modo de encarar as cousas. Casara-se para ficar livre de andar por casas alheias suportando desaforos, aguentando imposições; mas ao cabo de três dias de casada, se algum sedutor lhe tivesse oferecido uma existência luxuosa teria abandonado o marido sem um arrepio de remorso. O seu ideal era ser lisonjeada, atrair atenção. Encontrou no meio em que vivia facilidades para sustentar sua vaidade sem dar escândalo,

e misteriosamente de aventura em aventura deixou-se prender em amores fáceis. O marido, se desconfiava de suas fraquezas, fechava os olhos e filosoficamente ia suportando-a em casa, porque afinal sabia guardar conveniências (CLOTILDE, 1996, p. 166-167).

Observa-se que, logo na primeira aparição do nome Glória na história, o narrador a caracteriza de forma negativa, por meio de adjetivos (leviana, mal educada, vaidosa), e registrando sua falta de respeito e de vínculo afetivo com a mãe e com o esposo, deixando claro que a jovem casara por interesse. Após ser expulsa de casa pelo marido, Glória passou a uma vida de concubinato que, durante algum tempo, realizou seus desejos:

O seu belo rosto valeu-a. Um moço doudivanas, filho de um barão que se achava em S. Paulo protegeu-a no transe difícil em que se achava.

Então ela pode brilhar, pisar em tapetes, arrastar sedas e ofuscar as outras estrelas do *demi-monde*. Teve um cortejo de adoradores e semelhante à mariposa fascinada pela chama que lhe queima as asas, deixou-se ofuscar pelo falso brilho da riqueza comprada à custa da infâmia, e viveu essa vida fictícia que envenena o organismo e atrofia n'alma o sentimento bom.

Expulsa do meio honesto especulou com a beleza da maneira mais vil e quando sua mãe achava-se em casa d irmão a fazer companhia a sobrinha, ela no Rio de Janeiro, já tendo descido os últimos degraus de abjeção baixava ao hospital, vítima de uma perniciososa que a deixou às portas da morte (CLOTILDE, 1996, p. 168).

É neste contexto que Glória retorna à convivência materna no Ceará: escorraçada pelo esposo, rebaixada a uma condição de vida vil e doente. Assim, a jovem retoma a convivência familiar, contudo, sendo “o perfeito protótipo da maldade mais refalsada e da hipocrisia mais fina” (CLOTILDE, 1996), a moça vê no casamento entre Nazaré e Artur um modo de lucrar; então ela se une ao bacharel e consegue convencer a prima a aceitar o enlace. Após as desventuras do casamento da prima, Glória embarca com

Artur para o Norte onde, como consequência de uma vida dissoluta, morre doente, miserável e sozinha:

A beleza ia se eclipsando nas noites de orgia, porque agora ela estava em Manaus e ali entregara-se a todos os desregramentos. Ao princípio tivera um grande triunfo, arrastara sedas, ornava-se de brilhantes, fizera sombra a outras infelizes suas companheiras; mas começavam os dias aziagos. Uma moléstia que se inoculara no seu organismo e lhe subia ao rosto numa asquerosa erupção que a desfigurara, fazia com que dela se distanciassem os adoradores de outrora.

(...)

Nem o leito do hospital a abrigaria.

(...)

Foi à casa de uma senhora rica, cuja caridade era proverbial e pediu-lhe os meios de se transportar à terra natal.

A bondosa dama apiedou-se de tanto infortúnio e obteve-lhe o recurso pedido. Não conseguiu, porém, embarcar. O comandante do vapor não a quis aceitar a bordo, pois os passageiros clamaram com energia e afinal foi para o hospital, num canto isolado, onde só a caridade se atrevia a penetrar e lá morreu miseravelmente (CLOTILDE, 1996, P. 297-299).

Dessa forma, percebemos que, ao contrário de Nazaré, Glória representa tudo o que é condenado pelas sociedades patriarcais no comportamento feminino: vaidosa, apegada a bens materiais, sexualmente disponível, insubmissa ao controle da família e do marido; e que “a vida” lhe devolve o fruto de suas ações.

Considerações finais

Simone de Beauvoir (2008) elenca uma série de papéis delegados à mulher no cânone literário. Nesses papéis, a mulher é representada como a musa, fonte de inspiração, objeto de conquista ou de disputa; ser/objeto cobiçado, possuidora de sortilégios capazes de seduzir qualquer homem; a mulher como “objetivo” do herói, a qual deverá ser protegida ou resgatada.

Todos esses estereótipos femininos foram erigidos pelo prisma do patriarcado, que determina comportamentos considerados aceitáveis e inaceitáveis para a mulher, no intuito de regular suas ações na sociedade.

De acordo com Fischer (2001), a religião operou um papel de fundamental importância para a manutenção dos valores que compõem o sistema patriarcal, pois, às suas restrições, acrescentou temores sobrenaturais associados às consequências da desobediência, ou seja, além da recompensa ou do castigo eterno (céu e inferno), a vida em pecado acarretaria uma série de punições e misérias, como consequência do castigo divino.

Francisca Clotilde faz uso desses valores na construção de suas personagens femininas: Nazaré, por ser religiosa, casta, obediente ao pai e cumpridora da sua função de mantenedora do casamento, foi “abençoada por Deus” com a realização do seu grande amor, Chiquinho. “Este casamento é abençoado por todos. Jamais houve união mais desejada. As próprias preteridas calam os sentimentos de despeito diante da virtude superior dos desposados” (CLOTILDE, 1996, p. 302).

Já Maria da Glória, mundana, sexualmente disponível, desobediente aos preceitos familiares e leviana em sua função de esposa, foi castigada com uma doença terrível (lepra, como chamava-se a hanseníase, à época), isolada e abandonada por todos e por Deus: “Todos fugiam do seu contato, o seu corpo decompunha-se como um farrapo de carne apodrecida, e ela havia de morrer como um cão tihoso, à míngua, só, privada do auxílio de Deus e dos homens” (CLOTILDE, 1996, p. 299).

Outro aspecto que nos chama a atenção é o modo como a autora responsabiliza os seus personagens pelos comportamentos transgressores da moral familiar, de acordo com o seu gênero. Isso se verifica nos trechos

que atribuem os vícios de Artur a causas metafísicas: “O Arthur atirou-se em cheio ao jogo. Perdeu grandes quantia, e impelido pelo demônio da cobiça que o incentiva à desforra viu-se forçado a contrair empréstimos e um dia dirigiu-se ao sogro”. Enquanto Glória parece ter a total consciência de suas escolhas: “E lá no Norte a glória – mariposa que a luz do falso amor seduzira – queimara-se na pira ardente da especulação mais baixa, mercadejando o sentimento que mais diviniza a mulher e tornando-o um vil negócio de que embalde ela procurava auferir lucros reais” (CLOTILDE, 1996, p. 296). Confirmamos esse fato ainda quando analisamos a morte desses personagens, pois, enquanto Artur faleceu (como consequência dos vícios variados) no ambiente familiar, na companhia de Nazaré e do filho, Oscar: “Perdoai-me também e dai àqueles que me salvaram a verdadeira felicidade na terra! Nazaré... Oscar!...”; Maria da Glória morre “isolada, maldita” (CLOTILDE, 1996, p. 299).

Ou seja, ao homem, perdoavam-se suas ações, buscando justificar suas atitudes pela “natureza masculina”, e, até mesmo, pela influência de “demônios e tentações”. Já a mulher deveria ser responsabilizada (e punida) por todos os “maus passos” que desse na vida. Essa perspectiva reflete os “hábitos” do patriarcado, segundo os quais os homens dispunham de diversas “regalias” (sexo, jogo, bebida) associadas à vida pública, enquanto às mulheres, tudo isso é proibido, pois seu “destino” era a vida privada, familiar: o cuidado da casa, dos filhos e do marido.

Conforme esclarece Roger Chartier:

As fissuras que racham a dominação masculina não assumem todas as formas de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão (CHARTIER, 1994, p. 109).

E ao analisarmos a vida de Francisca Clotilde, entendemos que a autora foi vítima dos preconceitos de uma sociedade patriarcal que a perseguiu, retirando seu emprego, boicotando sua escola e, principalmente, silenciando sua obra. Por não poder divorciar-se do primeiro marido,

construiu um relacionamento “questionável” pelos padrões morais vigentes à época, com o também professor Antônio Duarte Bezerra, a quem ama profundamente.

Por meio de *A Divorciada*, Francisca Clotilde revelou à sociedade toda a amargura de uma mulher que precisa se manter vinculada a um casamento que já não existe. Sem romper com o discurso conservador, a escritora defende a trajetória de sua própria vida, defendendo o preceito de que era legítimo as mulheres desejarem o divórcio quando seus cônjuges se ausentavam ao exercício de suas obrigações matrimoniais.

Referências

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres beletrista e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2012.

ALMEIDA, L. A. de. **Francisca Clotilde e a palavra em ação (1884-1921)**. 2008. 262f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/261>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2008.

BOTTEGA, C. “A evolução do divórcio no direito brasileiro e as novas tendências da dissolução matrimonial”. **Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá**, Cuiabá, v.12, p. 31-36, 2010. Disponível em: <<http://www.clarissabottega.com/Arquivos/Artigos/artigo%20A%20Evolu%C3%A7%C3%A3o%20do%20Divorcio.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

CHARTIER, Roger. “A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas” In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994, p. 109.

CLOTILDE, Francisca. **A divorciada**. 2ª ed. atualizada, acrescida de estudos críticos de Otacílio Colares, Angela Barros Leal e Nádia Battella Gotilib. Ceará: Editora Terra Bárbara, 1996.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, 2001, 9 (2), 586-599.

LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**: de Eva até os dias de hoje. São Paulo: DPL – Editora e distribuidora de livros LTDA, 2004.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: Heloisa Buarque de HOLLANDA, **Tendências e impasses**: o Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

MELLO, Sylvia Leser de. Prefácio. In: XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.

MONTENEGRO, Abelardo F. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A Batista Fontenele (tip. Royal), 1953.

PERROT, M. A história feita de greves, excluídos & mulheres (entrevista). **Tempo Social**, São Paulo, v. 8, n.2, p. 191-200, out. 1996. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ts/v8n2/0103-2070-ts-08-02-0191.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.